

Homenagem ao imortal João Mendonça de Souza

O imortal João Mendonça de Souza foi um homem de inteligência inquieta, fascinantemente voltada para a criação obsediante, por meio de uma análise e interpretação precisas da realidade circundante. Foi um trabalhador intelectual incomum, variado e múltiplo; um beletrista admirável, preocupado com a estilística e a forma, sem, porém, descuidar a substância. Ou por outro modo, poderíamos dizer, um sustancioso sem negligenciar a forma. Cada capítulo de seus livros daria, se confiada a outro escritor mais desejoso de glória literária do que de prestar serviços aos seus, um livro integral – tamanha é a abundeza de pensamentos, de idéias, de verdades, que resume e consubstancia facilmente.

O prazer pelo trabalho intelectual fez dele um pesquisador incansável, em perpétua vigília ao menor movimento cultural ao seu redor. Comodismo era palavra desconhecida em seu glossário diário e que lhe despertava um medo pânico. Ele mesmo, através de sua pena incansável, revela-nos: “diante do perigo, nada há mais perigoso do que o **abjeto comodismo**. Nenhum povo é grande sem renovação, sem vontade de transpor obstáculos e anulá-los”. A vida para ele foi uma alavanca pelo impulso da qual lançou-se à imortalidade. Definitivamente não ficou vendo a banda passar...! Sua paixão pela vida era tão grande que escreveu e produziu até junto os umbrais da imortalidade, deixando farto material apto a compor, com folga, meia dúzia de livros. O seu espólio cultural é inestimável, e sua exata avaliação ainda demandará algum tempo às mentes brilhantes e estudiosas.

Foi um homem que viveu o seu tempo, e pelo estudo aturado e a viva inteligência logrou ir adiante e bisbilhotar o futuro. Alargou as vistas para o porvir sem esquecer o passado histórico de seu povo sofrido, sendo um dos mais destacados amazonólogos, com um pensamento vigoroso e “placentariamente amazônico”. Sempre muito humilde, mas em suas posições intelectuais integérrimo e intemorato.

O amor que nutria por sua terra, verdadeiro amazonismo, não o impedia de manter a lucidez do crítico honesto e vanguardista, sem

grilhões de conveniência política a prender-lhe o pulso ou sufocar-lhe a boca, ao reconhecer e expressar publicamente “a alienação brutal, escandalosa e secular da Amazônia”. “Há riquezas de terras” - reconhece ele em um de seus livros. “Mas, há miséria e solidão. Há caboclos escravos, prisioneiros dos rios e das canoas... Um território que ainda agora, em muitos recantos, se sente inalterado na feição primitiva. Na vivência interiorana, rude, antiquada, insipiente, tosca”.

E aí reconhecemos não apenas autoridade intelectual, mas a coragem de mártir, ao desafiar os rumores e cochichos vaniloqüentes espalhados por medianias empavonadas sobre as doçuras e comodidades progressistas da realidade amazônica. O uso da livre crítica e interpretação foi nele princípio apreciado e intocável, perpassando toda a sua vasta obra.

A obra de João Mendonça de Souza, devida e inteligentemente analisada, revela-se encasulada num sistema perfeito, dado o tirocínio lógico e racional a direcionar-lhe as velas para colher os melhores ventos da ciência moderna. O poeta, o filósofo, o amazonólogo, não dá ponto sem nó! Um exemplo serve para brunir a afirmação: no livro *O poeta e a forma exata*, ele frisa em diversas passagens o primarismo do caboclo amazonense. O leitor apressado poderia concluir que o autor trava a discussão no preconceituoso (e cientificamente ultrapassado) campo da inferioridade cultural ou civilizacional. Nada mais errôneo. João Mendonça esclarece sua opinião gizando bem o círculo: “Digamos, repitamos: o primarismo do caboclo... jamais é o de se afundar inevitavelmente na barbárie. Ótimo é que isso vejamos e compreendamos. Na sociedade em que vivem, estimam-se como racionais e não se deslustram, nem se admitem numa arte exótica. O rudimentar em que permanecem deve ser apenas considerado em face das esperanças insatisfeitas e das promessas traídas” (p. 21). Neste final, ele coloca, como bom geômetra das letras, os pontos nos ii: o caboclo não é protagonista nem responsável pelo atraso em que vive, mas vítima dos beneficiários deste mesmo atraso, daqueles que iludem as esperanças e traem as promessas, sob o fragilíssimo pálio da arrogância apedantada e da intolerável paparrotice.

Mas o grande mestre, nascido em 1915, também foi um pioneiro ao desbravar conceitos filosóficos e políticos, hoje arrotados por qualquer

um com o indefectível ar de autoridade que disfarça a ignorância diplomada, mas, na época, representavam meras abstrações nebulosas no horizonte cultural de nosso povo. Dentre estes conceitos desempoados pelo mestre, encontra-se o de **justiça social**, que só recebeu a atenção devida há pouco mais de duas décadas no politicismo opiniático.

Embora reconhecesse as dificuldades da região, via claramente a fortaleza de sua gente em lutar contra as asperezas amazônicas (a que chama de “mundo brutal”), vislumbrando com isso um futuro brilhante para a nossa terra e o nosso povo. Canta apaixonadamente a subida característica de adaptabilidade do povo caboclo e das “heróicas potencialidades de uma raça humana sobrevivente às realidades básicas, sociais e econômicas”. O belo futuro desenhado em seus vaticínios terá nele um benfeitor benemérito, através de sua memória, de seus livros, de suas idéias a turbilhonar nas mentes das presentes e vindouras gerações reverentes.

Eis o que pensava a propósito de nossa gente: “O caboclo é um bom. Avulta-se na luta cotidiana sem justiça social. Tem espírito de adaptação, tem fortaleza diante das desgraças que prova. Revela-se de inteligência admirável na forma em que consegue sobreviver nas choupanas e tapiris. Quase sempre socorre-se do chibé sem rapadura, sem mel ou açúcar. É um estóico nas funções psíquicas”. A solidão e a força são atributos freqüentemente atribuídos ao mestiço amazônida em sua obra rica e grácil.

É recorrente em seus trabalhos “a coisificação dos que se imolam estrangulados pelo ciclopismo das matas e pelo labirinto de rios, afluentes, paranás, lagos e sangradouros”. Reconhece João Mendonça, entretanto, a alienação deste mundo extraordinário de riquezas mineralógicas, ictiológicas e florestais, restando o caboclo ribeirinho depauperado e abismado.

A injustiça e a crueldade da condição humana do amazônida desperta o espírito combativo do autor, sempre atento aos movimentos incidentes sobre sua terra, registrando seu inconformismo em páginas magistrais e brilhantes, conferindo, entretanto, a honra do confronto prático pelas mudanças aos seus leitores e seguidores.

Foi um pensador puro, que, todavia, não chegou ao exagero de

privar-se de outros prazeres da vida (como aconteceu com Henry David Thoreau, famoso por isolar-se completamente do mundo externo para manter a pureza formal de seu pensamento filosófico), como, por exemplo, a música. Foi também um musicólogo apurado e, em seu círculo íntimo, bastante prestigiado.

As qualidades do homenageado, sovinaamente alinhadas até aqui, assumem proporções liliputianas diante da gema mais preciosa de seu tesouro: a coragem. É folclórica a quantidade de escritores e pensadores espalhada pelo mundo, que com a idade avançada em anos, cuidaram de paralisar a sua produção intelectual com receio da senilidade e de seus efeitos picarescos. Exemplo é Vitor Hugo, o famoso poeta francês. João Mendonça não; produziu até o último momento, sem medo ou hesitação. E o apuro de suas últimas cogitações será justamente apreciado em publicações póstumas, onde, certamente, teremos a grata surpresa de nos depararmos com o último elo de sua monumental obra, o derradeiro retoque no pedestal de sua estátua altanada.

Com sua morte, o Amazonas e o Brasil, lamentavelmente, perderam um homem, um pai de família, um cidadão ativo, um escritor de inesgotáveis recursos literários, porém ganharam mais uma estrela a luzir no céu infindo do pensamento nacional, aureolada com o brilho da imortalidade que só os gênios logram merecer e receber.



João Mendonça de Souza

Dados biográficos

João Mendonça de Souza nasceu em Manaus, no dia 19 de novembro de 1915 e aí faleceu em 14 de setembro de 2003. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, por algum tempo, exerceu a advocacia no Fórum do Rio de Janeiro.

Foi titular da Academia Brasileira de Ciências Morais e Políticas, do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e da Academia Amazonense de Letras.

Exerceu as funções de Secretário de Educação e Cultura do Amazonas; Secretário de Fazenda; Superintendente da Fundação Cultural; Diretor do Arquivo Público; Membro do Conselho Estadual de Cultura; Presidente da Academia Amazonense de Letras; Assessor Cultural da Universidade do Amazonas; Diretor e professor da ESPEA; Professor da Faculdade de Economia; Diretor do Jornal Cultura; Representante da Comissão Nacional de Moral e Civismo; Presidente da União Brasileira de Escritores e Diretor da Revista da Academia Amazonense de Letras.

Escreveu inúmeros livros, dentre eles: *Visão do meu Amazonas caboclo*, 1948; *O grande Amazonas – Mitologia, história e sociologia*, 1950; *O poeta e a forma exata*, 1972; *Caminhos de Sílvio Romero*, 1974; *Sílvio Romero, o crítico e o polemista*, 1976; *Cassiano Ricardo, poeta de um mundo só*, 1976; *A Manaus – Boa Vista*, 1980; *Camões e a epopéia de Os Lusíadas*, 1980; *Exaltação a Péricles Moraes*, 1982; *Os cânones da comunicação em Benjamim Lima*, 1985; *O Amazonas e os interesses internacionais. Fatos e Argumentos*, 1996; *A Amazônia, o neoliberalismo e a globalização*, 1998.